

## ENTREVISTA

# O teatro popular na poesia ritmada de Edmilson Santini

por Karina Janz Woitowicz



Eduardo Godoy/39º Fenata



## O teatro popular na melodia ritmada de Edmilson Santini

*Poeta , ator e cordelista revela as características do teatro de cordel e destaca a importância da poesia popular na cultura brasileira*

Por Karina Janz Woitowicz<sup>1</sup>

Especialista na arte de contar e recriar histórias. Esta é uma das características mais marcantes de Edmilson Santini, poeta popular, ator e cordelista que se dedica desde os anos 1970 ao ofício de transmitir mensagens em linguagem popular, como diria Luiz Beltrão em seu conceito de folkcomunicação.

O pernambucano Edmilson nasceu em 1 de agosto de 1955, na cidade de Belas Águas. Migrou para a região Sudeste nos anos 1970, quando começou sua carreira de ator. No final dos anos 1980 foi para o Rio de Janeiro, onde desde então se dedica ao teatro em cordel<sup>2</sup>. Trata-se de um projeto educativo que consiste em divulgar aspectos da cultura popular brasileira por meio do teatro, em uma dinâmica marcada pela criação e encenação de histórias de cordel.

O cordelista realiza um trabalho singular ao ritmar as palavras e recriar histórias. Não precisa de palco, nem de cenário, para encantar com a sua arte. Com um característico chapéu com fitas coloridas, um pandeiro inseparável e figurino montado com base na xilogravura, técnica tradicionalmente utilizada nas capas de cordéis, Edmilson conta histórias incríveis que remetem à cultura popular e aos personagens e episódios históricos que são revividos na poesia popular.

Edmilson é autor de dezenas de cordéis, destacando-se “Chegada do almirante negro na pequena África” (2010), “Oswaldo Cruz, entre a febre e o mosquito” (2009), “Boi Leitor” (2011), “Saci Pererê, príncipe de uma perna só” (2010), “Carmelitas descalcinhas”, “Da energia escura à luz que vem da sacada” (2011), “Paulo Freire lendo o mundo em cordel”, “A peleja de Papai Noel em cordel”, entre muitos outros.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), diretora científica da Rede de Pesquisadores em Folkcomunicação (2011-2013), coordenadora do Centro Folkcom de Pesquisas da UEPG.

<sup>2</sup> Informações sobre o Teatro em Cordel de Edmilson Santini podem ser acessadas no site [www.teatroemcordel.com.br](http://www.teatroemcordel.com.br)

<sup>3</sup> Duas histórias de cordel foram apresentadas por Edmilson Santini ao projeto Cultura Plural e estão disponíveis on-line: ‘O Trem do Trabalhador’ (<http://www.culturaplural.com.br/cordelista-edmilson-santini/cordel-edmilson-santini-o-trem-do-trabalhador>) e ‘Madeira Mamoré’

Edmilson participou em 2011 e em 2012 do Festival Nacional de Teatro (FENATA) em Ponta Grossa, ocasião em que concedeu entrevista à *Revista Internacional de Folkcomunicação*. Em uma tarde ensolarada e em meio a muitas músicas e histórias, o cordelista compartilhou aspectos sobre o seu trabalho e, com bastante entusiasmo, explicou as origens e revelou o vigor do teatro em cordel, proporcionando agradáveis momentos de contato com a cultura popular. Também dividiu conosco alguns dos seus cordéis, contados e cantados entre uma pergunta e outra. É o que você confere na entrevista a seguir, exclusiva para a RIF.

**RIF - Edmilson, como começou o seu interesse pela literatura de cordel? Gostaria que falasse um pouco sobre a sua trajetória.**

Edmilson Santini - Começou desde muito cedo. Meu avô era um grande contador de histórias e convivi muito com ele. Ele fazia os serões de contações de histórias de cordel, desde os clássicos da Idade Média até os atuais. Eu fui criado neste ambiente. A gente foi para São Paulo como migrante e lá comecei a fazer teatro. Quando passei a escrever para as cenas, comecei a sentir que a literatura, os versos, estavam falando muito alto. Então passei a rever a questão da métrica, da rima, da contação de histórias na linguagem do cordel e, como eu estava atuando e escrevendo, me voltei espiritualmente para o Nordeste e, portanto, para o Brasil. É uma cultura riquíssima, de toda uma seara que com a oralidade tinha tudo para explorar um campo vastíssimo. Como a literatura de cordel tem os ciclos (religioso, do cangaço, histórico, circunstancial, etc.), então eu criei uma proposta assim: da recriação de lendas a biografias seria o eixo do meu trabalho com o teatro de cordel.

**RIF - Quais dos seus trabalhos se destacam nesta via?**

Edmilson Santini - A primeira biografia que fiz foi de Oswaldo Cruz e depois fui recriando lendas. A lenda de Romãozinho, a festa no céu, aí comecei a levar isso para as escolas. Fui rever a figura do Papai Noel tradicional, aí eu fiz com um companheiro a peleja do Papai Noel com o Papai Cordel. Na verdade, era um desmascaramento da figura de Papai Noel, que virou um clássico.

Desse tempo para cá já tem mais de 12 anos. Eu casei, peguei minha mulher Maria Souza, que é lá do Maranhão, e a influência do bumba-meu-boi estava presente. Fui para as escolas levar esse tema em teatro de cordel e fazer oficinas. O cordel como instrumento de

---

(<http://www.culturaplural.com.br/cordelista-edmilson-santini/cordel-edmilson-santini-madeira-mamore>).

alfabetização hoje serve para a educação. Foi nesse meio que passei a desenvolver o teatro de cordel, com a proposta de dinamizar a questão de ouvir poesia, ou seja, pensar a alfabetização pelo ouvido.

**RIF - E quais são as características do teatro de cordel em relação à literatura?**

Edmilson Santini- É o verso em cena. Depende do sujeito, da pessoa. Sendo ator, contador de histórias, o ator está em cena e influencia a estrutura da história, sem fugir à métrica e à rima, seja sextilha ou quadra, ou seja, o formato que queira para dar uma cara teatral a estas histórias. E a literatura está presente ali. O teatro é levar o verso para cena. Uma peça, com começo, meio e fim, também pode ser feita no universo rimado. Isso não é novidade. Às vezes pode ficar chata, mas se dosar bem o contar com o cantar e se o universo poético que você vai desenvolver está considerando o ritmo, este ritmo é que deve estar presente numa peça que é transformada em cordel para que cumpra seu objetivo.

**RIF - O cordel também tem a função de traduzir determinados discursos para uma linguagem popular, inclusive como discurso da atualidade. De onde surgem os temas dos seus cordeis?**

Edmilson Santini- Tem um trabalho que estou desenvolvendo bastante que é o cordel e ciência. A ciência nos versos populares. Por exemplo, o cordel “Da energia escura à luz que vem da sacada”. É um universo árido, de onde viemos, como o mundo começou do ponto de vista da ciência. Para traduzir, eu disse um pedaço assim:

Digamos: de que maneira

O universo começou?

Qual será a causa primeira

De tudo que se gerou?

Causa primeira é um conto

Custoso de se contar.

Causa primeira, um ponto

De partida a acrescentar.

Origem do mundo, há pouco

Perguntada aqui, de quebra,

Vem da magia do coco  
Que quebra, quebra, celebra...

Em ritmo de coco, a dança  
Do coco, que aqui já é  
Coco-universo que dança.  
Um coco é razão e fé.

Essa é uma das maneiras de trabalhar; estou traduzindo este mundo da popularização da ciência pela linguagem do cordel. E também tem outros temas: o Saci Pererê, que é um personagem do folclore brasileiro, eu conto esta lenda colocando o saci como defensor do santuário da cultura popular, que seria a floresta de São Saruê.

Floresta São Saruê  
Versejada em redondilha  
Maior, seguirá na trilha  
Do Perna Só Pererê,  
Saci, gênio como quê,  
Príncipe da invenção,  
São Saruê: proteção!  
Nesta história em cordel,  
Terá seu melhor papel:  
Saci, nosso guardião.

Aí tem também, mais para criança, a festa no céu, com a figura de São Francisco de Assis, ou ainda uma homenagem aos mamulengueiros, feita no cordel "O pai de Bela", ou o tema da sustentabilidade na região amazônica, enfim, são várias histórias, muitas adaptadas. O repertório cresceu muito, depois que começamos a fazer trabalhos sob encomenda, explorando a questão da ciência e personagens de lendas como o Saci e Boto. Na história do Boto, por exemplo, no final, as mulheres que ele engravida viram sereias e vão defender os peixes que os homens mataram. E os homens vão atrás delas, se conscientizam, voltam para a terra e criam uma cooperativa de pescadores. [Risos]

**RIF** - É uma atualização de histórias já conhecidas, com finalidade educativa...

Edilson Santini – Neste trabalho, tem que ler muito. Tem um esforço de pensamento, que é um incentivo à valorização da nossa cultura. Quanto verso, quanta história! Este universo da literatura do cordel precisa ser levado para as escolas, com oficinas de contação de histórias, incentivando as crianças a se interessar por este gênero que é tão nosso, tão bonito e já teve sua morte anunciada. Mas não morrerá porque tem a força na oralidade.

**RIF** - E como é o seu processo de produção de cordeis? Há um formato próprio desta literatura, com regras definidas. Qual é o seu estilo?

Edmilson Santini - Eu misturo estrofe de 6 com 7 e com 10, para dinamizar. Tem uma regra a ser seguida, que é a métrica. Por exemplo: Eu estou aqui sentado/ Conversando com Karina/ Eu estou muito empolgado/Karina é nordestina? [risos].

Você desenvolve a história nesta estrutura, como faço no conto do trabalhador.<sup>4</sup> Isso foge um pouco ao cordel tradicional.

**RIF** - Como você avalia o espaço para literatura de cordel hoje?

Edmilson Santini - Está muito bom, merecidamente. Já tivemos muitas barreiras, mas hoje este espaço está sendo ocupado porque começou a ser olhado pelos meios universitários e isso ajuda a fortalecer o cordel. A união destas duas vertentes é muito positiva. O cordel, que tem suas origens na oralidade, inspira muitos autores considerados clássicos, como o Ariano Suassuna, o Jorge Amado, que tem muitas influências da literatura de cordel em suas obras.

**RIF** - Embora a literatura de cordel não seja exclusiva da cultura nordestina, existe uma força grande do cordel nesta região do país. A que isso se deve?

Edmilson Santini - No Nordeste, é por causa da chegada por portugueses, que no processo de colonização inspiraram este formato que deu origem ao cordel. O Nordeste se tornou celeiro maior desta poética por conta do meio social, da mistura de raças, por causa disso é conhecido como cultura nordestina, mas não é exclusiva. O Nordeste armazenou, fez isso acontecer de forma brilhante por causa da criatividade dos seus repentistas. No final do século XIX, começou a formar a parte gráfica com a xilogravura, graças à iniciativa de Leandro Gomes de Barros e Martins de Athaide, que espalharam a forma gráfica da xilogravura. Tinha ainda o uso de fotos no início do século XX. Depois, nos anos 1920, usavam também fotos de artistas de Hollywood, depois voltou a reinar a xilogravura.

---

<sup>4</sup> Disponível na íntegra do site Cultura Plural: <http://www.culturaplural.com.br/cordelista-edmilson-santini>

Por isso que o Nordeste é tido como a casa do cordel. É ali que está o caldeirão desta literatura. Antes de ter jornal e televisão, nos sertões do Nordeste, o povo tinha essa literatura como um jornal. Às vezes, acreditava mais na notícia quando via no cordel do que quando ouvia rádio. Era o aprendizado de leitura pelo cordel. Muita gente aprendeu a ler com o cordel no Nordeste.

E o cordel tem um repertório vasto de temas. Histórias de época e muitas de caráter religioso, além das histórias do cangaço, que ficaram conhecidas como ciclo do cangaço. A imaginação aflorava e começavam a criar personagens inspirados nos cangaceiros e nos cavaleiros medievais. Tem ainda o cordel como jornalismo de circunstância: aconteceu, virou cordel. Personagens da história, a seca, a política. Getúlio Vargas, por exemplo, foi o personagem mais cantado em cordel. O segundo é Lampião e o terceiro é Padre Cícero. Historiadores populares contavam estas histórias no verso e na métrica da literatura de cordel. E com a migração, o cordel ampliou sua divulgação, principalmente em São Paulo e no Rio. Para mim, é um eterno aprendizado.

**RIF - Qual é a importância do cordel para a cultura brasileira?**

Edmilson Santini - Você vai descobrindo cada vez mais que precisa preservar esta linguagem porque o Brasil tem uma cultura riquíssima – todo mundo fala isso, mas é sempre bom falar - e a literatura de cordel é testemunha viva da história do Brasil. É o Brasil versejado, uma forma diferente de contar histórias pela cultura popular.

Hoje, a internet se tornou uma grande aliada da divulgação da literatura de cordel e, inclusive ,do teatro de cordel.

**RIF - Para encerrar nossa entrevista, vou pedir para que faça uma despedida.**

Não quero uma despedida/Quero apenas um até já/A história dividida/ Da forma que assim está/ Quero dizer: Ponta Grossa/ Aqui eu quero voltar.